

DE ACORDO COM O EDITAL DE ABERTURA Nº 001/2026



PAULÍNIA-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA - SÃO PAULO

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA - PEB II - ARTE

- ▶ Língua Portuguesa
- ▶ Raciocínio Lógico
- ▶ Conhecimentos Educacionais
- ▶ Conhecimentos Específicos

BÔNUS
CURSO ON-LINE

- PORTUGUÊS
- INFORMÁTICA





AVISO IMPORTANTE: **Este é um Material de Demonstração**

Este arquivo representa uma prévia exclusiva da apostila.

Aqui, você poderá conferir algumas páginas selecionadas para conhecer de perto a qualidade, o formato e a proposta pedagógica do nosso conteúdo. Lembramos que este não é o material completo.



POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?



- × Conteúdo totalmente alinhado ao edital.
- × Teoria clara, objetiva e sempre atualizada.
- × Dicas práticas, quadros de resumo e linguagem descomplicada.
- × Questões gabaritadas
- × Bônus especiais que otimizam seus estudos.

Aproveite a oportunidade de intensificar sua preparação com um material completo e focado na sua aprovação:
Acesse agora: www.apostilasopcao.com.br

Disponível nas versões impressa e digital, com envio imediato!

Estudar com o material certo faz toda a diferença na sua jornada até a APROVAÇÃO.





PAULÍNIA-SP

PREFEITURA MUNICIPAL DE PAULÍNIA - SÃO PAULO

**PROFESSOR DE EDUCAÇÃO
BÁSICA - PEB II - ARTE**

EDITAL DE ABERTURA Nº 001/2026

CÓD: OP-228JL-26
7908403599905

ÍNDICE

Língua Portuguesa

1. Análise e interpretação de texto (compreensão geral do texto; ponto de vista ou ideia central defendida pelo autor; argumentação; elementos de coesão; inferências; estrutura e organização do texto e dos parágrafos).....	9
2. Tipologia e gêneros textuais	10
3. Figuras de linguagem	11
4. Emprego dos pronomes demonstrativos.....	15
5. Relações semânticas estabelecidas entre orações, períodos ou parágrafos (oposição/contraste, conclusão, concessão, causalidade, adição, alternância, etc.)	15
6. Relações de sinonímia e de antonímia.....	16
7. Sintaxe da oração (período simples; termos fundamentais e acessórios da oração; tipos de predicado) e do período (período composto por coordenação e por subordinação)	17
8. Funções do “que” e do “se”	22
9. Emprego do acento grave	23
10. Emprego dos sinais de pontuação e suas funções no texto.....	24
11. Ortografia.....	25
12. Concordâncias verbal e nominal.....	25
13. Regências verbal e nominal	27
14. Emprego de tempos e modos verbais; Formação de tempos compostos dos verbos	28
15. Colocação pronominal	31

Raciocínio Lógico

1. Lógica proposicional e de predicados	41
2. Argumentação lógica e inferências; Análise de argumentos e validade lógica	44
3. Teoria dos conjuntos e relações.....	49
4. Análise combinatória	52
5. Probabilidade.....	54
6. Sequências e padrões lógicos	56
7. Raciocínio analítico e resolução de problemas complexos	57
8. Interpretação de informações e tomada de decisão lógica	61

Conhecimentos Educacionais

1. Fundamentos da educação: concepções pedagógicas e teorias da educação.....	69
2. História da educação e tendências pedagógicas contemporâneas.....	75
3. Educação e função social da escola	82
4. Didática e processo de ensino-aprendizagem	83
5. Planejamento educacional e organização do ensino	84
6. Metodologias de ensino e práticas pedagógicas	85
7. Avaliação da aprendizagem: concepções e práticas	87
8. Organização do trabalho pedagógico	91
9. Projeto político-pedagógico (ppp)	96

ÍNDICE

10. Gestão democrática da educação	98
11. Coordenação pedagógica e trabalho coletivo.....	102
12. Desenvolvimento humano e aprendizagem; teorias do desenvolvimento.....	106
13. Processos cognitivos, afetivos e sociais	112
14. Relação professor-aluno e mediação pedagógica.....	113
15. Educação inclusiva e diversidade	122
16. Educação inclusiva e práticas pedagógicas	128
17. Atendimento educacional especializado (aee)	132
18. Adaptação curricular e acessibilidade	135
19. Políticas educacionais	140
20. Constituição federal de 1988 (artigos da educação).....	144
21. Lei nº 9.394/1996 (Ldb)	148
22. Estatuto da criança e do adolescente (lei nº 8.069/1990).....	168
23. Plano nacional de educação (lei nº 13.005/2014)	208
24. Tendências contemporâneas em educação	210
25. Tecnologias educacionais.....	211
26. Metodologias ativas de aprendizagem	214
27. Educação integral e interdisciplinaridade	217

Conhecimentos Específicos

Professor de Educação Básica - PEB II - Arte

1. Fundamentos e tendências pedagógicas do ensino de arte no brasil	225
2. Bncc, currículo municipal e computação como complemento da bncc.....	227
3. Metodologia do ensino de arte	230
4. Proposta triangular	233
5. História da arte	236
6. Movimentos e estilos artísticos	238
7. Arte e comunicação na contemporaneidade.....	240
8. Cultura, arte e educação.....	243
9. Arte e patrimônio cultural	246
10. Artes visuais e o multiculturalismo	248
11. Elementos estruturais da linguagem musical	251
12. Tendências educacionais quanto ao ensino da música, na sala de aula	254
13. Visão interdisciplinar do conhecimento musical.....	257
14. O papel da dança na educação	260
15. As danças como manifestações culturais.....	263
16. O processo de encenação teatral: conceito e percurso histórico de diferentes concepções teatrais e propostas contemporâneas.....	265
17. Metodologias e procedimentos pedagógicos, recursos materiais e objetivos do ensino do teatro na escola	269
18. Aplicação de tecnologias modernas na produção artística: recursos didáticos e uso de tecnologias da informação e comunicação (tics)	272
19. Constituição federal – artigos 205 a 214 (educação); legislação e normas da educação	275

ÍNDICE

20. Estatuto da criança e do adolescente (eca): lei nº 8.069/1990	275
21. Lei de diretrizes e bases da educação nacional (ldb) – lei nº 9.394/1996	275
22. Princípios da educação pública.....	275
23. Deveres e direitos do aluno e da escola	279
24. Função social da escola e papel do professor	282

LÍNGUA PORTUGUESA

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE TEXTO (COMPREENSÃO GERAL DO TEXTO; PONTO DE VISTA OU IDEIA CENTRAL DEFENDIDA PELO AUTOR; ARGUMENTAÇÃO; ELEMENTOS DE COESÃO; INFERÊNCIAS; ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO DO TEXTO E DOS PARÁGRAFOS)

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO DE TEXTOS

► Definição Geral

Embora correlacionados, compreensão e interpretação são processos distintos. A compreensão refere-se ao entendimento das informações explícitas do texto, enquanto a interpretação envolve a elaboração de conclusões fundamentadas a partir dessas informações.

Exemplificando, quando uma avaliação exige a compreensão de uma questão, a resposta encontra-se explicitamente no texto. Já a interpretação ocorre quando o leitor, a partir das informações textuais, elabora conclusões logicamente fundamentadas.

► Compreensão de Textos

A compreensão textual consiste na análise do que está explícito no texto, ou seja, na identificação da mensagem. Compreender um texto é assimilar intelectualmente sua mensagem, identificando com precisão as informações explícitas nele contidas.

Compreender um texto é captar, de forma objetiva, a mensagem transmitida por ele. Portanto, a compreensão textual envolve a decodificação da mensagem que é feita pelo leitor.

Por exemplo, ao ouvirmos uma notícia, automaticamente compreendemos a mensagem transmitida por ela, assim como o seu propósito comunicativo, que é informar o ouvinte sobre um determinado evento.

► Interpretação de Textos

É o entendimento que resulta da associação entre as ideias do texto, permitindo ao leitor inferir sentidos implícitos, sem ultrapassar os limites estabelecidos pelo próprio texto. Resumidamente, interpretar é atribuir sentido ao texto por meio de inferências e da relação entre suas ideias, sempre com base nos elementos linguísticos e discursivos apresentados.

A interpretação de textos compreende a habilidade de se chegar a conclusões específicas após a leitura de algum tipo de texto, seja ele escrito, oral ou visual.

Grande parte da bagagem interpretativa do leitor é resultado da leitura, integrando um conhecimento que foi sendo assimilado ao longo da vida. Interpretação de texto é a habilidade de

inferir informações implícitas, estabelecer relações entre ideias e compreender sentidos não expressos literalmente, sempre com base nos elementos linguísticos e discursivos do texto.

Exemplo de compreensão e interpretação de textos

Para compreender melhor a compreensão e interpretação de textos, analise a questão abaixo, que aborda os dois conceitos em um texto misto (verbal e visual):

FGV > SEDUC/PE > Agente de Apoio ao Desenvolvimento Escolar Especial > 2015

Português > Compreensão e interpretação de textos

A imagem a seguir ilustra uma campanha pela inclusão social.



“A Constituição garante o direito à educação para todos e a inclusão surge para garantir esse direito também aos alunos com deficiências de toda ordem, permanentes ou temporárias, mais ou menos severas.”

A partir do fragmento acima, assinale a afirmativa **incorreta**.
(A) A inclusão social é garantida pela Constituição Federal de 1988.

(B) As leis que garantem direitos podem ser mais ou menos severas.

(C) O direito à educação abrange todas as pessoas, deficientes ou não.

(D) Os deficientes temporários ou permanentes devem ser incluídos socialmente.

(E) “Educação para todos” inclui também os deficientes.

Resolução:

Em “A” – Errado: o texto é sobre direito à educação, incluindo as pessoas com deficiência, ou seja, inclusão de pessoas na sociedade.

Em “B” – Certo: o complemento “mais ou menos severas” se refere à “deficiências de toda ordem”, não às leis.

AMOSTRA

Em “C” – Errado: o advérbio “também”, nesse caso, indica a inclusão/adição das pessoas portadoras de deficiência ao direito à educação, além das que não apresentam essas condições.

Em “D” – Errado: além de mencionar “deficiências de toda ordem”, o texto destaca que podem ser “permanentes ou temporárias”.

Em “E” – Errado: a alternativa apenas retoma a ideia central do texto, sem apresentar qualquer informação incorreta, motivo pelo qual não atende ao comando da questão

Resposta: Letra B.

TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

A classificação de textos em tipos e gêneros é essencial para compreendermos sua estrutura linguística, função social e finalidade. Antes de tudo, é crucial discernir a distinção entre essas duas categorias.

► Tipos textuais

A tipologia textual se classifica a partir da estrutura e da finalidade do texto, ou seja, está relacionada ao modo como o texto se apresenta. A partir de sua função, é possível estabelecer um padrão específico para se fazer a enunciação.

Veja, no quadro abaixo, os principais tipos e suas características:

TEXTO NARRATIVO	Apresenta um enredo, com ações e relações entre personagens, que ocorre em determinados espaço e tempo. É contado por um narrador, e se estrutura da seguinte maneira: apresentação > desenvolvimento > clímax > desfecho
TEXTO DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVO	Tem o objetivo de defender determinado ponto de vista, persuadindo o leitor a partir do uso de argumentos sólidos. Sua estrutura comum é: introdução > desenvolvimento > conclusão.
TEXTO EXPOSITIVO	Procura expor ideias, sem a necessidade de defender algum ponto de vista. Para isso, usa-se comparações, informações, definições, conceitualizações etc. A estrutura segue a do texto dissertativo-argumentativo.
TEXTO DESCRITIVO	Expõe acontecimentos, lugares, pessoas, de modo que sua finalidade é descrever, ou seja, caracterizar algo ou alguém. Com isso, é um texto rico em adjetivos e em verbos de ligação.
TEXTO INJUNTIVO	Oferece instruções, com o objetivo de orientar o leitor. Sua maior característica são os verbos no modo imperativo.

► Gêneros textuais

A classificação dos gêneros textuais se dá a partir do reconhecimento de certos padrões estruturais que se constituem a partir da função social do texto. No entanto, sua estrutura e seu estilo não são tão limitados e definidos como ocorre na tipologia textual, podendo se apresentar com uma grande diversidade. Além disso, o padrão também pode sofrer modificações ao longo do tempo, assim como a própria língua e a comunicação, no geral.

Alguns exemplos de gêneros textuais:

- Artigo;
- Bilhete;
- Bula;
- Carta;
- Conto;
- Crônica;
- E-mail;
- Lista;
- Manual;
- Notícia;
- Poema;
- Propaganda;
- Receita culinária;
- Resenha;
- Seminário.



RACIOCÍNIO LÓGICO

LÓGICA PROPOSICIONAL E DE PREDICADOS

LÓGICA PROPOSICIONAL

Um predicado é uma sentença que contém um número limitado de variáveis e se torna uma proposição quando são dados valores às variáveis matemáticas e propriedades quaisquer a outros tipos.

Um predicado, de modo geral, indica uma relação entre objetos de uma afirmação ou contexto.

Considerando o que se conhece da língua portuguesa e, intuitivamente, predicados dão qualidade aos sujeitos, relacionam os sujeitos e relacionam os sujeitos aos objetos.

Paratal, são usados os conectivos lógicos $\neg, \Rightarrow, \rightarrow, \wedge, \vee$, mais objetos, predicados, variáveis e quantificadores.

Os objetos podem ser concretos, abstratos ou fictícios, únicos (atômicos) ou compostos.

Logo, é um tipo que pode ser desde uma peça sólida, um número complexo até uma afirmação criada para justificar um raciocínio e que não tenha existência real!

Os argumentos apresentam da lógica dos predicados dizem respeito, também, àqueles da lógica proposicional, mas adicionando as qualidades ao sujeito.

As palavras que relacionam os objetos são usadas como quantificadores, como um objeto está sobre outro, um é maior que o outro, a cor de um é diferente da cor do outro; e, com o uso dos conectivos, as sentenças ficam mais complexas.

Por exemplo, podemos escrever que um objeto é maior que outro e eles têm cores diferentes.

Somando as variáveis aos objetos com predicados, as variáveis definem e estabelecem fatos relativos aos objetos em um dado contexto.

Vamos examinar as características de argumentos e sentenças lógicas para adentrarmos no uso de quantificadores.

No livro Discurso do Método de René Descartes, encontramos a afirmação: “(1ª parte): “...a diversidade de nossas opiniões não provém do fato de serem uns mais racionais que outros, mas somente de conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas e não considerarmos as mesmas coisas. Pois não é suficiente ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem.”

Cabe aqui, uma rápida revisão de conceitos, como o de argumento, que é a afirmação de que um grupo de proposições gera uma proposição final, que é consequência das primeiras. São ideias lógicas que se relacionam com o propósito de esclarecer pontos de pensamento, teorias, dúvidas.

Seguindo a ideia do princípio para o fim, a proposição é o início e o argumento o fim de uma explanação ou raciocínio, portanto essencial para um pensamento lógico.

A proposição ou sentença a é uma oração declarativa que poderá ser classificada somente em verdadeira ou falsa, com sentido completo, tem sujeito e predicado.

Por exemplo, e usando informações multidisciplinares, são proposições:

I – A água é uma molécula polar;

II – A membrana plasmática é lipoprotéica.

Observe que os exemplos acima seguem as condições essenciais que uma proposição deve seguir, i.e., dois axiomas fundamentais da lógica, [1] o princípio da não contradição e [2] o princípio do terceiro excluído, como já citado.

O princípio da não contradição afirma que uma proposição não ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.

O princípio do terceiro excluído afirma que toda proposição ou é verdadeira ou é falsa, jamais uma terceira opção.

Após essa pequena revisão de conceitos, que representaram os tipos de argumentos chamados válidos, vamos especificar os conceitos para construir argumento inválidos, falaciosos ou sofisma.

► Proposições simples e compostas

Para se construir as premissas ou hipóteses em um argumento válido logicamente, as premissas têm extensão maior que a conclusão. A primeira premissa é chamada de maior é a mais abrangente, e a menor, a segunda, possui o sujeito da conclusão para o silogismo; e das conclusões, temos que:

- De duas premissas negativas, nada se conclui;
- De duas premissas afirmativas não pode haver conclusão negativa;
- A conclusão segue sempre a premissa mais fraca;
- De duas premissas particulares, nada se conclui.

As premissas funcionam como proposições e podem ser do tipo simples ou composta. As compostas são formadas por duas ou mais proposições simples interligadas por um “conectivo”.

Uma proposição/premissa é toda oração declarativa que pode ser classificada em verdadeira ou falsa ou ainda, um conjunto de palavras ou símbolos que exprimem um pensamento de sentido completo.

Características de uma proposição

- Tem sujeito e predicado;
- É declarativa (não é exclamativa nem interrogativa);
- Tem um, e somente um, dos dois valores lógicos: ou é verdadeira ou é falsa.



AMOSTRA

É regida por princípios ou axiomas:

- **Princípio da não contradição:** uma proposição não pode ser verdadeira e falsa ao mesmo tempo.
- **Princípio do terceiro excluído:** toda proposição ou é verdadeira ou é falsa, isto é, verifica-se sempre um destes casos e nunca um terceiro.
- **Princípio da Identidade:** uma proposição é idêntica a si mesma. Em termos simples: $p \equiv p$

Exemplos:

- A água é uma substância polar.
- A membrana plasmática é lipoprotéica.
- As premissas podem ser unidas via conectivos mostrados na tabela abaixo e já mostrado acima

São eles:

Proposição	Forma	Símbolo
Negação	Não	$\neg$
Disjunção não exclusiva	ou	$\vee$
Conjunção	e	$\wedge$
Condicional	Se... então	$\rightarrow$
Bicondicional	Se e somente se	$\leftrightarrow$

► Tabelas verdade

As tabelas-verdade são ferramentas utilizadas para analisar as possíveis combinações de valores lógicos (verdadeiro ou falso) das proposições. Elas permitem compreender o comportamento lógico de operadores como negação, conjunção e disjunção, facilitando a verificação da validade de proposições compostas. Abaixo, apresentamos as tabelas-verdade para cada operador,

Negação

A partir de uma proposição p qualquer, pode-se construir outra, a negação de p , cujo símbolo é $\neg p$.

Exemplos:

- A água é uma substância não polar.
- A membrana plasmática é não lipoprotéica.

Tabela-verdade para p e $\neg p$.

p	$\neg p$
V	F
F	V

Os símbolos lógicos para construção de proposições compostas são: $\wedge$ (lê-se e) e $\vee$ (lê-se ou).

Conectivo e

Colocando o conectivo $\wedge$ entre duas proposições p e q , obtém-se uma nova proposição $p \wedge q$, denominada conjunção das sentenças.

Exemplos:

- p : substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica.
- q : o aminoácido fenilalanina é apolar.
- $p \wedge q$: substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica e o aminoácido fenilalanina é apolar.

Tabela-verdade para a conjunção

Axioma: a conjunção é verdadeira se, e somente se, ambas as proposições são verdadeiras; se ao menos uma delas for falsa, a conjunção é falsa.

p	q	$p \wedge q$
V	V	V
V	F	F
F	V	F
F	F	F

Conectivo ou

Colocando o conectivo $\vee$ entre duas proposições p e q , obtém-se uma nova proposição $p \vee q$, denominada disjunção das sentenças.

Exemplos:

- p : substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica.
- q : substâncias polares usam receptores proteicos para atravessar a bicamada lipídica.
- $p \vee q$: substâncias apolares atravessam diretamente a bicamada lipídica ou substâncias polares usam receptores proteicos para atravessar a bicamada lipídica.

Tabela-verdade para a disjunção

Axioma: a disjunção é verdadeira se ao menos das duas proposições for verdadeira; se ambas forem falsas, então a disjunção é falsa.

p	q	$p \vee q$
V	V	V
V	F	V
F	V	V
F	F	F

CONHECIMENTOS EDUCACIONAIS

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS E TEORIAS DA EDUCAÇÃO

FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO¹

A educação deve levar em conta a natureza própria do indivíduo, encontrando esteios nas leis da constituição psicológica do indivíduo e seu desenvolvimento. A relação entre os indivíduos a educar e a sociedade torna-se recíproca. Pretende que a criança aproxime do adulto não mais recebendo as regras de boa ação, mas conquistando-as com seu esforço e suas experiências pessoais, em troca a sociedade espera das novas gerações mais do que uma imitação; espera um enriquecimento.

Caso queiramos proceder corretamente no campo técnico da educação, teremos que a elas recorrer para que não sejamos tentados em nossa ação educativa, a impor modelos, para com que eles, os alunos, se identifiquem. Teremos sim que lhes oferecer situações, experiências que resultem em uma modelagem adequada. Modelagem não estereotipada, mas decorrentes das diferenças individuais de cada aluno.

► Fundamentos Sociológicos

No Brasil, convivem lado a lado, uma Sociologia de Educação cética com relação à ordem existente, baseada em modelo marxista, uma outra baseada em metodologia de pesquisa empírica e, ainda outra que, rejeitando ambas as abordagens, adota perspectivas de inspiração interacionista, fenomenológica ou etnometodológica. As diferenças entre os referenciais teóricos, os temas tratados e a orientação política são tão grandes que talvez fosse mais correto falar em Sociologias da Educação.

Nos últimos vinte anos pertencem a Althusser (1970), Bowles e Gintis (1976), Bourdieu e Passeron (1970) e Michael Yong (1971), os estudos que marcaram e delimitaram o campo da Sociologia Educacional. Estes estudos postulam que a produção e reprodução das classes reside na capacidade de manipulação e moldagem das consciências, na preparação de tipos diferenciados de subjetividade de acordo com as diferentes classes sociais.

A escola participa na consolidação desta ordem social pela transmissão e incubação diferenciada de certas ideias, valores, modos de percepção, estilos de vida, em geral sintetizados na noção de ideologia. Os estudos centram-se nos mecanismos amplos de reprodução social via escola.

Num outro eixo, encontramos os ensaios da Nova Sociologia da Educação preocupados em descrever as minúcias do funcionamento do currículo escolar e seu papel na estruturação das desigualdades sociais. A Nova Sociologia da Educação coloca a problematização dos currículos escolares no centro da análise sociológica de Educação.

A Sociologia da Educação, hoje, aborda como tema central de discussão: o papel da educação na produção e reprodução da sociedade de classes. A Educação facilmente descobre que um dos lugares eminentes de sua teoria e de sua prática está no interior dos movimentos sociais. Cabe, pois, a escola o papel de preparar técnica e subjetivamente as diferentes classes sociais para ocuparem seus devidos lugares na divisão social.

Bourdieu e Passeron percebem como essa divisão é mediada por um processo de reprodução cultural. Sabemos que as forças culturais que atuam sobre o comportamento precisam ser conhecidas para um melhor planejamento e, consequentemente, melhor ensino. De particular interesse para o processo educativo são os fatores familiares, o grupo de adolescentes a que se filia (“a turma”) e a escola.

As condições do ambiente forjam a sua resposta ou reticência, aos estímulos, formando padrões de hábitos que encorajam ou desencorajam as atividades que motivam ou desmotivam a aprendizagem. O comportamento em classe está estritamente relacionado com o ambiente familiar e a sua posição socioeconômica. Fatores estes ocasionadores de procedimentos antissociais ou de extrema instabilidade e falta de amadurecimento.

A “turma” é de vital importância para o adolescente que, ao “enturmar-se”, prefere os padrões de seu grupo aos dos adultos, algumas vezes diminuindo até o seu rendimento escolar para satisfazer o seu grupo. O aluno, ser temporal e espacial, vivendo dentro de uma comunidade, pertencendo a um grupo social, participando de instituições várias, possuindo um “status” socioeconômico, para integrar-se aos padrões de comportamento social necessita de um atendimento dentro da sua realidade individual.

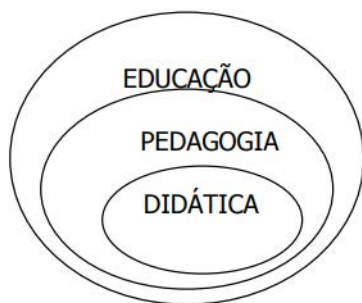
A organização de currículos, programas e planejamentos de ensino alienados da realidade social não é de natureza prática e não conduz a motivação. No entanto, como os grandes educadores e pedagogos, deveríamos ir muito além, formando “conceitos humanísticos” que superam dialeticamente o individual e o social para fazer surgir o ser humano integral, dando ao educando condições de adaptação em qualquer tipo de sociedade no tempo e no espaço.

¹ <https://pedagogiapaaraconcurseiros.com.br/apostila-de-fundamentos-da-educacao/>

AMOSTRA

► Fundamentos Psicológicos

Iniciemos situando Educação como o âmbito amplo que abarcaria, numa representação espacial, em círculos concêntricos, a Pedagogia e a Didática, como no esquema que segue.



A Educação compete todos os detalhes, em toda a amplitude das situações que produzem ou provocam aprendizagem. Consideramos Educação como o campo característico da categoria dos humanos, porque a definimos como a esfera das aprendizagens. Ela é característica do humano, uma vez que o homem tem como sua marca definidora o fato de ser um ser de cultura, por conseguinte, um ser que aprende.

Aprender pode ser definido como a forma construída pelo bicho-homem de enfrentamento da realidade que o circunda e que lhe permite sobreviver ou, mais ainda, que lhe permite transformar o seu entorno com vistas a sua felicidade. Em face da complexidade e da amplitude dos fenômenos que regem os atos de aprender, a sua abordagem é intrinsecamente interdisciplinar. Assim, educação se faz obrigatoriamente a partir dos múltiplos enfoques.

No esquema acima, a passagem do exterior ao interior está associada a um movimento cada vez mais especializado, do informal ao formal. Assim, Educação na região exterior à Pedagogia, compreenderia as responsabilidades e as atuações da sociedade como um todo em suas ações (não propriamente intencionais) provocadoras de aprendizagens. Tratar-se-ia da atmosfera que se gera, pelo tipo de organização social e material dos agrupamentos humanos.

Na Pedagogia, restringe-se a amplitude para reforçar a profundidade da abordagem dos fenômenos do aprender. Para explicar a Pedagogia, é útil passar-se à definição da Didática, uma vez que aquela abarca esta.

A Didática é a parte da Pedagogia que se ocupa das aprendizagens complexas que requerem sistematização e organização. A Pedagogia pode ser entendida como o contexto que possibilita a Didática. Ela se ocupa do ambiente que possibilita as aprendizagens mais pontuais e específicas dos campos científicos, que configuram as disciplinas escolares.

A Didática é a ciência que dá conta de fazer com que alguém, não tendo um certo conhecimento, passe a tê-lo; isto é, ela se ocupa da construção dos conhecimentos, na perspectiva construtivista. Porém o que são conhecimentos? Quais suas características definidoras? Quais suas relações com o saber? O que saber e conhecimento têm em comum e em que divergem? Há entre eles precedência ou complementaridade? Estas e outras perguntas serão abordadas, a seguir, através da conceituação e classificação de quatro produtos da aprendizagem.

Produtos de Aprendizagem

Dentre os múltiplos ângulos em que a aprendizagem pode ser analisada, merece importância a caracterização dos tipos de produtos que dela derivam. Propomos o esquema que segue, como síntese de uma abordagem destes produtos.

	Não Sistematizada	Sistematizada
Não transformadora	Chute	Conhecimento
Transformadora	Saber	Práxis

Consideramos nestes produtos de aprendizagem dois atributos principais: a sua sistematização e a sua capacidade de transformação. A combinação da presença ou da ausência desses dois atributos caracteriza os quatro espaços deste esquema, isto é, o chute, o saber, o conhecimento e a práxis.

Denominamos **chute** um produto da aprendizagem não sistematizado e não transformador. Chute pode ser tomado como algo aproximado a improviso. Como define o dicionário Aurélio, improviso é um produto intelectual inspirado na própria ocasião e feito de repente, sem preparo.

Observemos que estamos nos atendo à definição de improviso, enquanto produto intelectual sem preparo, que é o chute. Não consideramos, neste contexto, a validade da intuição ou da espontaneidade, que também podem estar embutidas no sentido comumente dado à palavra improviso. Chute, portanto, tem aqui a conotação de algo aprendido muito superficialmente, localizado, sem nenhuma generalização.

Chamamos de **saber** o produto de aprendizagem não sistematizado, mas transformador. Um produto de aprendizagem é transformador na medida em que acrescenta ser a quem aprende, modificando lhe em algo a maneira de viver.

Uma aprendizagem não é sistematizada quando ela é apenas descritiva de etapas de soluções de um problema, sem entrar na análise desta solução. O saber implica num valor capaz de mobilizar energias de quem aprende, a ponto de levá-lo a novas formas de vida.

Chamamos de **conhecimento** um produto de aprendizagem sistematizado, mas não transformador. Uma aprendizagem não é transformadora, quando ela somente instrumentaliza teoricamente de forma desvinculada da prática.

Um produto de aprendizagem não é transformador quando apenas ilustra, sem mover o aprendiz a incorporar nova postura existencial ou nova capacitação prática. Um produto de aprendizagem é sistematizado, quando ele chega à explicação das causas dos problemas enfrentados; e isto de forma organizada. Esta organização pode ser explicitada em livros ou similares, por escrito.

O saber transforma, mas não é sistematizado. O conhecimento é sistematizado, mas não é transformador.

O saber é pessoal; e o conhecimento é social ou socializável, na medida em que pode ser ou é sistematizado. O saber é mais ligado à ação, enquanto o conhecimento é mais ligado à reflexão e à linguagem. O saber tem mais a ver com percepções e movimentos, enquanto o conhecimento tem mais a ver com as palavras.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

FUNDAMENTOS E TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E CONCEPÇÕES DO ENSINO DE ARTE NO BRASIL

► Formação histórica do campo educacional da Arte

O ensino de Arte no Brasil foi construído por diferentes concepções pedagógicas, culturais e estéticas que, ao longo do tempo, atribuíram funções distintas às práticas artísticas na escola. Em determinados períodos, predominou uma visão voltada à reprodução de modelos, ao domínio técnico e à formação de habilidades manuais; em outros, ganhou força a valorização da expressão individual, da criatividade e da experiência sensível. A compreensão contemporânea do ensino de Arte resulta da tensão e do diálogo entre essas perspectivas, além da ampliação do entendimento de Arte como área de conhecimento com conteúdos, procedimentos, linguagens e modos próprios de produzir, interpretar e contextualizar experiências.

A trajetória do ensino artístico no país também reflete mudanças mais amplas na educação brasileira. As práticas escolares foram influenciadas por concepções acadêmicas de desenho, por propostas modernizadoras, por movimentos de renovação pedagógica e por debates sobre democratização do acesso à cultura. Em cada contexto, a Arte assumiu sentidos diferentes: ornamentação da formação geral, preparação técnica, expressão espontânea, atividade recreativa, recurso auxiliar de outras disciplinas ou campo autônomo de conhecimento. O fortalecimento da Arte como componente curricular está associado à superação de sua condição meramente decorativa ou complementar.

► Do ensino de modelos à valorização da experiência artística

As propostas mais tradicionais de ensino enfatizavam cópia, precisão, repetição e domínio formal. O desenho ocupava lugar central e frequentemente era relacionado ao desenvolvimento de destrezas úteis ao trabalho, à indústria ou à representação técnica. Nessa lógica, o professor detinha o modelo considerado correto e o estudante deveria reproduzi-lo com fidelidade. O resultado final tinha maior peso do que o processo de criação, e a avaliação tendia a privilegiar critérios de exatidão e acabamento.

Com a difusão de ideias renovadoras no campo educacional, a expressão individual passou a ser valorizada. A produção da criança e do jovem passou a ser compreendida como manifestação de experiências, sentimentos, percepções e formas próprias de representação. Esse deslocamento teve importância ao questionar práticas excessivamente rígidas e imitativas, mas também gerou problemas quando a liberdade criativa foi entendida como ausência de mediação pedagógica. O reconhecimento da espontaneidade não elimina a necessidade de ampliar repertórios, apresentar procedimentos, favorecer a experimentação e promover contato com produções artísticas diversas.

► Arte como conhecimento e linguagem

A concepção de Arte como área de conhecimento modifica o papel da escola. O estudante não é apenas alguém que produz trabalhos manuais, mas sujeito que cria, interpreta, aprecia, investiga e estabelece relações entre produções artísticas e contextos culturais. A aprendizagem envolve percepção, imaginação, sensibilidade, reflexão, domínio de procedimentos e compreensão dos sistemas simbólicos presentes nas diferentes linguagens artísticas.

O ensino de Arte precisa articular fazer, fruição e reflexão. A produção artística desenvolve capacidades de escolha, experimentação e construção de sentidos; a apreciação amplia a percepção e o repertório; a contextualização permite compreender relações entre obra, sociedade, história e cultura. Essas dimensões não funcionam de forma isolada. Quando integradas, contribuem para uma formação estética que supera tanto a reprodução mecânica quanto a atividade desprovida de intencionalidade educativa.

TENDÊNCIAS PEDAGÓGICAS E ABORDAGENS NO ENSINO DE ARTE

► Concepções tradicional, expressivista e contextual

As tendências pedagógicas do ensino de Arte podem ser analisadas a partir de diferentes ênfases atribuídas ao conhecimento artístico, ao papel do professor e à participação do estudante. A tendência tradicional concentra-se na transmissão de conteúdos, no domínio técnico e na reprodução de modelos. A tendência expressivista valoriza a criatividade, a espontaneidade e a manifestação individual. Perspectivas mais contemporâneas buscam articular produção, leitura, reflexão, repertório cultural e contextualização histórica.

AMOSTRA

A tendência tradicional contribuiu para sistematizar procedimentos e técnicas, mas frequentemente reduziu a atividade artística a exercícios de cópia e execução. A tendência expressivista reagiu a esse formalismo ao reconhecer a subjetividade e a capacidade criadora do estudante. Entretanto, quando interpretada de modo extremo, pode transformar o ensino em atividade sem critérios claros de progressão. A abordagem contemporânea procura integrar liberdade de criação e intencionalidade pedagógica, reconhecendo que a aprendizagem artística exige tanto espaço para expressão quanto acesso a conhecimentos específicos.

► Mediação docente e construção de repertório

O professor desempenha papel central na mediação entre estudante, produção artística e contexto cultural. Mediar não significa impor uma interpretação única, mas criar condições para observar, comparar, questionar, experimentar e construir sentidos. O docente seleciona materiais, propõe problemas, amplia referências, apresenta procedimentos e organiza situações de aprendizagem em que diferentes formas de expressão possam ser exploradas.

A construção de repertório é parte essencial desse processo. O contato com obras, manifestações, artistas, práticas culturais e produções de diferentes contextos amplia possibilidades de criação e interpretação. Um repertório diversificado ajuda o estudante a perceber que não existe uma única forma legítima de arte e que diferentes grupos sociais constroem linguagens, símbolos e modos de representação próprios.

► Interdisciplinaridade e especificidade da Arte

A Arte pode dialogar com História, Literatura, Ciências, Geografia, tecnologias e outros campos do conhecimento, mas esse diálogo não deve reduzir sua identidade curricular. A interdisciplinaridade é produtiva quando os conhecimentos artísticos permanecem visíveis e contribuem efetivamente para compreender um tema comum. Projetos integrados precisam preservar procedimentos próprios de criação, apreciação, leitura de imagens, performance, composição sonora, expressão corporal ou experimentação cênica.

Para organizar essas relações, alguns princípios ajudam a manter equilíbrio entre integração e especificidade:

- **Autonomia da linguagem artística:** cada linguagem possui materiais, procedimentos, códigos e modos de organização próprios.
- **Integração significativa:** relações com outras áreas devem nascer de problemas reais de aprendizagem, e não de associações superficiais.
- **Mediação cultural:** a experiência artística escolar deve favorecer contato com diferentes repertórios, contextos e formas de produção.
- **Processo criativo:** planejamento, experimentação, revisão e reflexão fazem parte da aprendizagem e não apenas o produto final.

A interdisciplinaridade ganha consistência quando a Arte participa como campo de conhecimento e não apenas como recurso ilustrativo. Uma atividade artística utilizada somente para decorar um conteúdo de outra disciplina pode empobrecer o potencial formativo da área. Em contrapartida, quando há investigação de linguagem, contexto e criação, a integração amplia a compreensão e fortalece a aprendizagem em diferentes dimensões.

LINGUAGENS ARTÍSTICAS, CULTURA E DIVERSIDADE

► Pluralidade das linguagens artísticas

O ensino de Arte abrange diferentes linguagens e modos de expressão, entre os quais se destacam artes visuais, dança, música e teatro. Cada linguagem possui formas específicas de organização, produção e leitura, embora existam possibilidades de articulação entre elas. A escola deve favorecer experiências variadas, permitindo que os estudantes conheçam materiais, técnicas, movimentos, sonoridades, corporalidades, espaços cênicos e recursos tecnológicos.

Nas artes visuais, podem ser exploradas relações de forma, cor, textura, composição, volume, espaço e imagem. Na música, elementos como ritmo, melodia, timbre, intensidade, criação e escuta estruturam experiências de aprendizagem. Na dança, corpo, movimento, espaço, tempo e energia constituem referências centrais. No teatro, ação, personagem, espaço, voz, corpo, improvisação e dramaturgia organizam práticas de criação e apreciação.

► Experiência estética e leitura de produções artísticas

A experiência estética envolve mais do que identificar informações sobre uma obra. Ela pressupõe atenção, sensibilidade, percepção de elementos formais, construção de interpretações e relação entre produção artística e experiência social. A leitura de imagens, cenas, músicas, performances e outras manifestações precisa considerar aspectos visuais, sonoros, corporais, simbólicos e contextuais.

A formação do olhar e da escuta ocorre progressivamente. O estudante aprende a perceber detalhes, reconhecer escolhas expressivas, comparar produções e construir argumentos sobre aquilo que observa. A escola tem papel importante nesse processo porque amplia o acesso a repertórios que muitas vezes não fazem parte da experiência cotidiana dos estudantes.

► Diversidade cultural e ampliação de repertórios

O ensino de Arte no Brasil precisa reconhecer a pluralidade cultural do país. Produções indígenas, afro-brasileiras, populares, urbanas, tradicionais, eruditas, contemporâneas e midiáticas integram um campo amplo de experiências. Trabalhar com diversidade cultural significa evitar hierarquias que apresentem uma única tradição artística como referência universal de qualidade.

A presença de diferentes repertórios também contribui para compreender processos históricos de exclusão, circulação cultural e disputa por reconhecimento. A seleção das produções abordadas em sala de aula influencia a percepção dos estudantes sobre quem produz arte, quais histórias são valorizadas e quais identidades aparecem nos espaços de legitimidade cultural.



GOSTOU DESSE MATERIAL?

Imagine o impacto da versão **COMPLETA** na sua preparação. É o passo que faltava para garantir aprovação e conquistar sua estabilidade. Ative já seu **DESCONTO ESPECIAL!**

EU QUERO SER APROVADO!

